

## O LUGAR DO ENSINO DE LITERATURA NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: O TRABALHO COM O LIVRO QUARTO DE DESPEJO EM TURMAS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Pietra Barsotti dos Santos <sup>1</sup>  
Marcelo Cizaurre Guirau <sup>2</sup>

### RESUMO

A literatura exerce múltiplas funções: amplia o repertório cultural, estimula a imaginação, promove reflexões sociais e, sobretudo, favorece o reconhecimento de si. Nesse sentido, desempenha um papel fundamental na construção da identidade do ser humano. Esta pesquisa teve como objetivo investigar de que forma a leitura da obra “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, contribuiu para o processo de autoconhecimento dos alunos do 1º ano do Curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio, oferecido pelo Campus São Paulo Pirituba do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP/PTB). Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, fundamentado na observação das aulas da disciplina “Literatura e Sociedade – Relações Étnico-Raciais e de Gênero”, com ênfase nas discussões e atividades desenvolvidas em torno da obra, como parte das atribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Neste relato de experiência, propomos compreender como a literatura pode despertar nos estudantes a consciência de si mesmos, investigando, ainda, de que maneira a identificação com personagens literários colabora para o processo de construção identitária. A fundamentação teórica baseia-se em autores como Conceição Evaristo, por meio do conceito de “escrevivência”; Rildo Cosson (2006), com a noção de letramento literário; e Sigmund Freud (1921), a partir de sua concepção de identidade.

**Palavras-chave:** Ensino de Literatura, Identidade, Ensino Médio, Quarto de Despejo, Literatura e Sociedade.

### INTRODUÇÃO

As aulas de literatura no Ensino Médio ocupam um lugar estratégico na formação crítica, cultural e identitária dos estudantes. É nesse contexto que surge a disciplina “Literatura e Sociedade – Relações Étnico-Raciais e de Gênero”, que traz em dupla docência as matérias

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Português-Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus São Paulo Pirituba - IFSP PTB, e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela CAPES, [pietra.barsotti@aluno.ifsp.edu.br](mailto:pietra.barsotti@aluno.ifsp.edu.br);

<sup>2</sup> Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP, [cizaurre@ifsp.edu.br](mailto:cizaurre@ifsp.edu.br);

de Literatura e Sociologia, articulando textos literários ao cotidiano e à questões não tão debatidas no ambiente escolar.

Por se tratar de uma matéria de dupla docência, as aulas ocorrem de forma duplicada: metade da turma participa das aulas de literatura, enquanto a outra metade participa da de sociologia; as turmas trocam de sala na semana seguinte. Dessa forma, é possível adaptar o conteúdo ensinado com mais facilidade e acompanhar os estudantes com mais atenção.

É nesse cenário que surge o trabalho com “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, obra cujo realismo, ao narrar o cotidiano cruel da vida na favela, comove o leitor, fazendo-o questionar questões sociais, raciais e de gênero. A leitura torna-se ainda mais importante sob a perspectiva da escrevivência — termo cunhado por Conceição Evaristo, que une as palavras “escrever” e “vivência” para definir uma escrita originária das experiências vivenciadas, uma vez que, para a autora, “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande e, sim, para acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2017, p. 18).

Essa perspectiva evidencia a escrita como ato político e de identificação, visto que dialoga com as experiências de uma mulher negra. Segundo a concepção freudiana de identidade, tem-se que o “eu” se forma a partir de movimentos constantes de identificação, conflito e elaboração simbólica. Como afirma o autor, “a formação do eu é, primeiramente, um processo de identificações” (FREUD, 1921/2011, p. 49), que continua a se constituir ao longo da vida por meio das experiências que marcam o sujeito. Em outro momento, Freud destaca que “o eu não é senhor em sua própria casa” (FREUD, 1925/2011, p. 143), sublinhando que a identidade é dinâmica, atravessada por vivências emocionais e pelas condições sociais em que cada indivíduo está inserido.

Assim, a abordagem de *Quarto de despejo* nas turmas do 1º ano do Ensino Médio oferece um espaço privilegiado para analisar como os jovens elaboram processos de identificação, estranhamento e compreensão sobre si. A obra de Carolina Maria de Jesus, ao narrar a realidade, cria um terreno fértil para que os estudantes construam reflexões sobre o mundo, e sobre como se situam na sociedade.

## METODOLOGIA





A construção do presente relato de experiência fundamentou-se em uma abordagem metodológica qualitativa, adequada às investigações que buscam compreender práticas educacionais em contextos específicos. Para isso, foram mobilizados diferentes recursos, tais como obras de referência para embasamento teórico, registros de atividades realizadas com os estudantes e observações sistemáticas decorrentes da participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) ao longo do primeiro semestre de 2025. As ações foram desenvolvidas em uma turma do primeiro ano do Curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio, no Campus São Paulo Pirituba do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP/PTB).

Inicialmente, buscamos identificar a bagagem educacional dos alunos, suas práticas de leitura e seus interesses literários. Com esse objetivo, elaboramos um levantamento diagnóstico voltado aos hábitos leitores, a fim de orientar a seleção das obras a serem trabalhadas em sala de aula (figura 1). Após o levantamento de hábitos de leitura dos alunos, consultamos a turma que a escolha dos livros que seriam trabalhados durante o ano letivo. O instrumento adotado consistiu em um formulário online, no qual os estudantes puderam escolher quatro títulos em uma lista de dezenove obras previamente selecionadas. Os resultados evidenciaram a expressiva escolha pelo livro “Quarto de despejo,” de Carolina Maria de Jesus, que obteve o maior número de votos, orientando a definição da leitura obrigatória para o bimestre (figura 2).

A partir da escolha da obra, estruturou-se um plano de aula para o segundo bimestre letivo, orientado pelos pressupostos do letramento literário. Conforme afirma Cosson (2014, p. 23), “o letramento literário é uma prática social e, como tal, precisa ser aprendido e exercido de forma permanente”, o que implica compreender a leitura literária como espaço de formação crítica e de construção identitária no contexto escolar. Essa perspectiva reforça a necessidade de inserir o estudante em práticas que articulem texto, sujeito e sociedade. Nesse sentido, destaca o autor:

“A literatura nos forma porque nos oferece não apenas o espelho de quem somos, mas também a janela pela qual vislumbramos o outro e, assim, ampliamos nosso horizonte de compreensão. Na experiência literária, convivem a subjetividade de cada leitor e as múltiplas vozes sociais que atravessam o texto, permitindo que a leitura se torne um exercício de





reconhecimento, questionamento e reconstrução identitária.” (COSSON, 2014, p. 17)

Com base nessas diretrizes, foram elaboradas atividades que buscassem promover a leitura como experiência sociocultural. O desenvolvimento das aulas incluiu a resolução de questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) relacionadas à obra e à temática racial (figura 3), aulas expositivas dialogadas sobre a trajetória de Carolina Maria de Jesus e o contexto social retratado em “Quarto de despejo”, além de debates orientados sobre trechos selecionados que estimulassem a interpretação crítica. Ao final, aplicou-se uma avaliação composta por questões adaptadas do vestibular de 2020 da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e uma proposta de redação (figura 4), permitindo verificar a compreensão da obra e das habilidades leitoras e argumentativas desenvolvidas ao longo do processo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste estudo apoia-se, inicialmente, na concepção de letramento literário de Rildo Cosson, compreendido como uma prática que insere o leitor em uma experiência estética e social capaz de ampliar seu repertório cultural e crítico. O autor destaca que “a leitura literária é uma prática humanizadora que desenvolve nossa capacidade de compreender o outro e a nós mesmos” (COSSON, 2014, p. 16), evidenciando que o contato com textos literários ultrapassa o entretenimento e se constitui como formação. Assim, a literatura torna-se um espaço privilegiado para a construção identitária e para o diálogo entre sujeito, texto e sociedade, favorecendo uma leitura que articula sensibilidade, reflexão e criticidade.

Nesse processo de interação entre vida e texto, evidencia-se a pertinência das “escrevivências” de Conceição Evaristo, conceito que compreende a escrita como experiência encarnada, marcada pelas vivências concretas de sujeitos historicamente silenciados. A autora afirma que sua escrita “vem carregada de vidas” e nasce da urgência de nomear e narrar realidades invisibilizadas. Tal noção é particularmente relevante para a leitura de “Quarto de despejo”, uma vez que a obra de Carolina Maria de Jesus também emerge de um lugar social marginalizado, produzindo uma escrita que denuncia desigualdades ao mesmo tempo em que



registra, de forma sensível e contundente, a complexidade da existência de uma mulher negra favelada no Brasil da metade do século XX. Assim, a leitura da obra por estudantes do Ensino Médio constitui não apenas um encontro com uma narrativa testemunhal de enorme relevância histórica, estética e literária, mas também uma oportunidade de reflexão crítica sobre a historicidade e a pluralidade das experiências humanas.

A articulação entre literatura, subjetividade e identidade pode ainda ser compreendida à luz da teoria psicanalítica, sobretudo da concepção freudiana de “eu”. Para Freud, o “eu” se constitui em relação ao outro e ao contexto em que está inserido, sendo permanentemente atravessado por processos de identificação e conflito. A leitura literária, nesse sentido, funciona como um espaço simbólico no qual o sujeito pode projetar, reconhecer e reelaborar aspectos de sua própria constituição psíquica. Quando estudantes identificam no texto elementos que dialogam com suas vivências — sejam elas emocionais, sociais ou familiares —, ativam-se mecanismos subjetivos que ampliam a compreensão de si e do mundo. A presença de narrativas que expõem desigualdades estruturais, como em “Quarto de despejo”, intensifica esse processo ao confrontar o leitor com realidades que, embora distantes temporalmente, revelam permanências e ecoam questões identitárias relevantes para os jovens de hoje.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das atividades e das discussões em sala de aula demonstraram que a maior parte dos estudantes estabeleceu uma relação profunda com a narrativa de “Quarto de despejo”. Durante as conversas, muitos relataram reconhecer no diário de Carolina Maria de Jesus situações que dialogavam com seu cotidiano, especialmente no que diz respeito às desigualdades estruturais e às dificuldades econômicas vivenciadas nas periferias. Esse movimento reforça a potência da literatura no ambiente escolar, pois, como afirma Antonio Candido (2004, p. 175), “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate”, permitindo que o leitor articule o texto às próprias vivências e compreenda criticamente a realidade que o cerca.

A identificação dos estudantes com a obra encontra ressonância no conceito de escrevivências, de Conceição Evaristo, que ressalta o caráter coletivo, político e afetivo da



escrita produzida a partir das experiências vividas. Em outra passagem significativa, a autora afirma que “as escrevivências nascem do cotidiano, do chão que pisamos, das memórias que insistem em permanecer” (EVARISTO, 2013, p. 49). A leitura do diário de Carolina, nesse sentido, possibilitou que os alunos percebessem que suas histórias também são dignas de reflexão e registro, ampliando a compreensão de que a literatura desempenha papel central na legitimação das vivências de grupos historicamente silenciados. Assim, a obra operou como espaço de reconhecimento e, ao mesmo tempo, de deslocamento, permitindo que a turma compreendesse a dimensão social da escrita e da leitura.

Sob uma perspectiva psicanalítica, observou-se que a leitura da obra pode favorecer processos de autocompreensão e elaboração simbólica entre os estudantes. Freud destaca que a constituição do “eu” envolve um permanente jogo entre realidade externa, afetos e imagens internas e que “o eu se define por suas relações com o mundo que o rodeia” (FREUD, 1914/2010, p. 40). A literatura, ao apresentar experiências humanas intensas, funciona como mediadora desse processo, permitindo que o leitor reconheça conflitos, angústias e desejos que também atravessam sua formação identitária. Desse modo, a leitura de “Quarto de despejo” não apenas promoveu o desenvolvimento de competências leitoras, mas também ofereceu aos estudantes um espaço seguro de reflexão sobre pertencimento, desigualdade, autoestima e identidade — aspectos que emergiram espontaneamente nas conversas e nas avaliações realizadas ao longo do bimestre.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com “Quarto de despejo” nas turmas do 1º ano do Ensino Médio demonstrou o potencial da literatura como ferramenta formativa capaz de articular dimensões cognitivas, sociais e identitárias. A partir da abordagem integrada entre Literatura e Sociologia, os estudantes puderam compreender a obra de Carolina Maria de Jesus não apenas como um texto literário, mas como um registro potente de experiências marcadas pela desigualdade, pelo racismo estrutural e pela luta cotidiana por dignidade. A intensa identificação demonstrada pelos alunos ao longo das atividades evidenciou que narrativas ancoradas na realidade social contribuem para ampliar o olhar crítico e fortalecer processos de autoanálise.







Os resultados mostraram que a leitura, mediada pelo conceito de escrevivência e pela compreensão psicanalítica da formação do “eu”, funcionou como espaço de reconhecimento simbólico e reflexão sobre pertencimento. Ao se verem refletidos em trechos da obra, os estudantes mobilizaram suas próprias vivências para atribuir sentido ao texto, reafirmando o papel da literatura no desenvolvimento da sensibilidade e da consciência social. Como apontam Evaristo e Freud, tanto a escrita quanto a constituição subjetiva emergem das experiências, emoções e conflitos que moldam o sujeito — dimensão que se manifestou de maneira expressiva ao longo das atividades realizadas.

Desse modo, este relato evidencia a relevância do ensino de literatura no Ensino Médio, especialmente quando articulado a questões étnico-raciais e sociais que atravessam o cotidiano dos alunos. Ao unir teoria, leitura crítica e diálogo, o trabalho desenvolveu não apenas habilidades interpretativas, mas também práticas de reflexão que contribuem para a formação de estudantes mais conscientes, sensíveis e capazes de compreender o lugar que ocupam na sociedade. Assim, reforça-se a necessidade de um ensino literário comprometido com a realidade dos educandos, que promova o desenvolvimento de sujeitos críticos e ativamente envolvidos na construção de mundos mais justos.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, A. Vários Escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 169–191.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREUD, Sigmund. **A negativa (1925)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.





FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo (1914)**. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O eu e o isso (1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e análise do eu (1921)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu (1921)**. In: FREUD, Sigmund. Obras completas, v. 15. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2021.

Ministério da Educação e INEP. **Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM**. Provas e Gabaritos. 2017, 2018 e 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>

UNICAMP. **Prova de Vestibular 2020**. Disponível em: [https://www.educabras.com/provas\\_de\\_vestibular/pdf/provas\\_unicamp](https://www.educabras.com/provas_de_vestibular/pdf/provas_unicamp)





## ANEXOS

**Figura 1: Questionário: Hábitos Leitor**

1. Quantos livros você leu ano passado?

☐ 1 a 3 livros  
☐ 4 a 6 livros  
☐ 7 a 10 livros  
☐ Mais de 10 livros  
☐ Nenhum

2. Quais gêneros você lê? (Marque quantos quiser)

☐ Romance  
☐ Fantasia  
☐ Ficção científica  
☐ Terror  
☐ Mistério/Policial  
☐ Clássicos  
☐ Biografias  
☐ Não-ficção (história, ciência, filosofia, etc.)  
☐ Não leio

( ) Outros: \_\_\_\_\_

3. Quais dificuldades você tem para ler?

☐ Rotina (falta de tempo)  
☐ Trabalho  
☐ Preguiça  
☐ Não tenho acesso a livros  
☐ Dificuldades de entendimento do texto

( ) Outros: \_\_\_\_\_

4. Quais motivos te fazem escolher uma leitura? (Marque quantos quiser)

☐ Indicação de amigos/família  
☐ Interesse pelo autor  
☐ Assunto do livro  
☐ Adaptação para filme/série  
☐ Influência da escola  
☐ Influência das redes sociais

( ) Outros: \_\_\_\_\_

5. Qual foi o último livro que você leu?

6. De que maneira você tem acesso aos livros? (Marque quantas quiser)

☐ Biblioteca da escola  
☐ Biblioteca pública  
☐ Empréstimos de amigos/família  
☐ Compra de livros físicos  
☐ Compra de e-books  
☐ Sites gratuitos na internet (pdf/epubs)

( ) Outros: \_\_\_\_\_

7. Quais gêneros você gostaria que fossem abordados nas aulas de literatura?

☐ Romance  
☐ Fantasia  
☐ Ficção científica  
☐ Terror  
☐ Mistério/Policial  
☐ Clássicos  
☐ Autobiografias  
☐ Diários literários

( ) Outros: \_\_\_\_\_

8. Você teria interesse em participar de um clube do livro?

☐ Sim  
☐ Não  
☐ Talvez, dependendo do formato

Justifique: \_\_\_\_\_

9. Se você pudesse sugerir uma atividade para incentivar a leitura na escola, qual seria?

10. Com que frequência você lê por prazer?

☐ Todos os dias  
☐ Algumas vezes por semana  
☐ Algumas vezes por mês  
☐ Raramente  
☐ Nunca

11. Você já usou audiobooks?

☐ Sim, com frequência  
☐ Sim, mas raramente  
☐ Nunca, mas tenho interesse  
☐ Nunca e não tenho interesse

12. Você prefere ler livros em qual formato?

☐ Digital (e-books)  
☐ Físico  
☐ Audio (audiobooks)  
☐ Não leio

13. O que te faz abandonar uma leitura? (Marque quantos quiser)

☐ Falta de tempo  
☐ História pouco interessante  
☐ Linguagem difícil e/ou cansativa  
☐ Livro muito longo  
☐ Não me identifiquei com os personagens  
☐ Prefiro consumir a história de outra forma (filme, série, resumo)

( ) Outros: \_\_\_\_\_

14. Cite um autor que você costuma ler e/ou admira

15. Quando um livro é indicado pela escola, o que você costuma fazer?

☐ Leio todo o livro  
☐ Leio parte e procuro resumos  
☐ Leio apenas resumos  
☐ Não leio

( ) Outros: \_\_\_\_\_

16. Você já leu alguma obra literária que impactou a sua vida? Qual? Por quê?

17. Você já leu algum conto? Se sim, qual o seu conto favorito ou o seu/sua autor/a favorito/a desse gênero literário

18. Na sua casa, você tem algum familiar que tem o hábito de leitura e/ou te influencia / incentiva a ler?

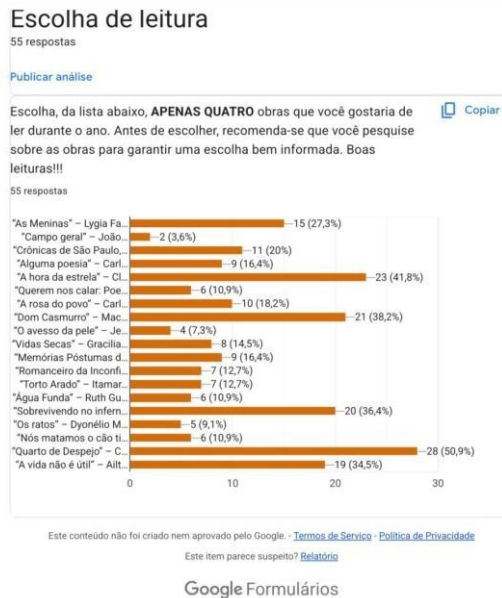
19. Quantos livros há em sua residência desconsiderando os didáticos (os de matérias da escola e/ou faculdade) e os religiosos (bíblias, Alcorão...)

☐ Nenhum  
☐ 1 a 5  
☐ 6 a 8  
☐ 8 a 10  
☐ 11 a 15  
☐ Mais que 15

Fonte: Autoria própria, 2025.



Figura 2: Formulário para escolha das leituras obrigatórias - resultados



Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 3: Atividade com questões do ENEM

#### ENEM 2017

— Recusai a mão de minha filha, porque o senhor é... filho de uma escrava.  
— Eu?

— O senhor é um homem de cor!...

Infelizmente esta é a verdade.

Raimundo tornou-se livido. Manoel

prossiguiu, no fim de um silêncio:

— Já vi o amigo que não é por mim que

lhe recusai Ana Rosa, mas é por tudo! A

família de minha mulher sempre foi

muito escrupulosa a esse respeito, e

como ela é toda a sociedade do

Maranhão! Concorde que seja uma

ascensão; concordo que seja um prejuízo

to! O senhor porém não imagina o que

é por cá a prevenção contra os

mulatos!... Nunca me perdoariam um tal

casamento; além do que, para realizá-lo,

teria que quebrar a promessa que fiz a

minha sogra, de não dar a neta sendo a

um branco de lei, português ou

descendente direto de portugueses!

(AZEVEDO, A. O mulato. São Paulo:

Escala, 2008)

Influenciado pelo ideário científico do

Naturalismo, a obra destaca o modo

como o mulato era visto pela sociedade

de fins do século XIX. Nesse trecho,

Manoel traduz uma concepção em que a

A) miscigenação racial desqualificava o

indivíduo.

B) condição econômica anulava os

conflitos raciais.

C) discriminação racial era condenada

pela sociedade.

D) escravidão negava o direito da negra

à maternidade.

E) união entre mestiços era um risco à

hegemonia dos brancos.

1 Ocult Suposto estado mórbido que se diz

produzido pelo mau-olhado de certas

personas, nas crianças, nos animais, nas

plantas, e até nos alimentos; mau-olhado:

"Seu pai era curandeiro e plantava ervas

#### ENEM 2018

##### Quebranto<sup>1</sup>

às vezes sou o policial que me suspeito

me peça documentos

e mesmo de posse deles

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

me prendo e me dou porrada

B) submete-se à discriminação como  
meio de fortalecimento.  
C) engaja-se na denúncia do passado de  
opressão e injustiças.  
D) sofre uma perda de identidade e de  
noção de pertencimento.  
E) acredita esparadamente na utopia  
de uma sociedade igualitária.

#### ENEM 2022

10 de maio

Fui na delegacia e falei com o tenente.

Que homem amavel! Se eu soubesse que

ele era tão amavel, eu teria ido na

delegacia na primeira intimação. [...] O

tenente interessou-se pela educação dos

meus filhos. Disse-me que a favela é um

ambiente propenso, que as pessoas

tem mais possibilidade de delinquir do

que tornar-se útil a patria e ao pais.

Pensei: se ele sabe disso, porque não faz

um relatório e envia para os políticos? O

senhor Janio Quadros, o Kubitschek e o

Dr. Ademar de Barros? Agora falar

para mim, que sou uma pobre ladeira.

Não posso resolver nem as minhas

difficuldades.

... O Brasil precisa ser dirigido por uma

pequena que já passou fome. A fome

também é professora.

Quem passa fome aprende a pensar no

próximo, e nas crianças.

(JESUS, C. M. Quarto de despejo: diário

de uma favelada. São Paulo: Ática,

2014).

A partir da intimação recebida pelo filho

de 9 anos, a autora faz uma reflexão em

que transparece a

A) lição de vida comunicada pelo

tenente.

2 ESCRUPULO: 1 Estado de hesitação da

consciência [quanto à correção moral de uma

ação]; recato de pecado ou engano que

resulta em dúvida ou inquietação espiritual;

B) predisposição materna para se  
emocionar.  
C) atividade política marcante da  
comunidade.  
D) resposta inônica ante o discurso da  
autoridade.  
E) necessidade de revelar seus anseios  
mais íntimos.

#### QUESTÕES:

1. Relacione o comportamento

dos policiais mencionados

tanto no poema de Cuti quanto

no diário de Carolina Maria de

Jesus.

2. Leia o trecho do romance "O

Mulato" e comente os

significados possíveis dos itens

destacados:

"Já vi o amigo que não é por

mim que lhe recusai Ana Rosa,

mas é por tudo! A família de

minha mulher sempre foi muito

escrupulosa a esse respeito, e

como ela é toda a sociedade do

Maranhão!";

3. Considerando o texto como um

tudo e as definições do

dicionário Michaelis (ver nota

de rodapé) para o termo,

escreva o que seria o

"quebranto" do título do

poema de Cuti.

2 Cuidado minucioso; meticulosidade; zelo;

3 Grande suscetibilidade;

4 Consideração ética ou moral; integridade de

caráter.

Fonte: Enem 2017, 2018 e 2022, assim como autoria própria, 2025.



Figura 4: Prova do livro

NOME: \_\_\_\_\_

TURMA: \_\_\_\_\_

QUESTÃO 1 (2 pts). - UNICAMP 2020 (Adaptada)

Texto I

(...) Contemplava extasiado o céu cor de anil. E eu fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil. O meu olhar posou nos arvoredos que existe no início da rua Pedro Vicente. As folhas movia-se. Pensei: elas estão aplaudindo este meu gesto de amor a minha Pátria. (...) Toquei o carrinho e fui buscar mais papeis. A Vêra ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: "Ri criança. A vida é bela". Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: "Chora criança. A vida é amarga".

(Carolina Maria de Jesus. Quarto de despejo. São Paulo: Ática, 2014, p. 35-36.)

Texto II

RISOS

Ri, criança, a vida é curta,  
O sonho dura um instante.  
Depois... o cipreste esguio  
Mostra a cova ao viandante!  
A vida é triste – quem nega?  
– Nem vale a pena dizê-lo,  
Deus a parte entre seus dedos  
Qual um fio de cabelo!  
Como o dia, a nossa vida

Na aurora – é toda venturas,  
De tarde – doce tristeza,  
De noite – sombras escuras!  
A velhice tem gemidos,  
– A dor das visões passadas –  
– A mocidade – queixumes,  
Só a infância tem risadas!  
Ri, criança, a vida é curta,  
O sonho dura um instante.  
Depois... o cipreste esguio  
Mostra a cova ao viandante!

(Casemiro J. M. de Abreu. As primaveras. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1859, p. 237-238.)

A representação da infância no texto I se aproxima e, ao mesmo tempo, difere daquela que se encontra no texto II. Considerando que o texto I é um excerto do diário de Carolina Maria de Jesus e o texto II é um poema romântico, identifique e explique essa diferença na representação da infância.

QUESTÃO 2 (1 pts). A escrita de Carolina Maria de Jesus é muito atacada por seus desvios da norma culta da língua portuguesa. Divergindo dessa visão, Emicida afirma que "uma frase bonita escrita com a grafia errada continua bonita"<sup>1</sup>. Transcreva abaixo um trecho do livro de Carolina que confirme a afirmação de Emicida. Diga o que você viu de belo no trecho escolhido.

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de vilados, almofadas de vitor. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.<sup>2</sup>

QUESTÃO 3 (1 pts). O livro "Quarto de Despejo" é repleto de percepções inteligentes sobre as formas de exclusão que dividem a cidade de São Paulo. Considerando o conjunto dessas percepções e o trecho acima, explique as metáforas da "sala de visita" e do "quarto de despejo", criadas pelo gênio criativo da autora para nomear um aspecto da cidade que ela via e vivia. (1 pts)

<sup>1</sup> In: DALCASTAGNÉ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012, p. 7.

<sup>2</sup> JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020, p. 41.



### Redação (6 pontos)

Escreva, em folha à parte, um texto sobre UM dos temas a seguir:

**1 – A leitura e a escrita para Carolina. A literatura na vida de Carolina.**

“Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (p. 28)

“O livro é a melhor invenção do homem” (p. 30)

“Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo” (p. 30)

**2 – O racismo vivido por Carolina.**

“...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

— É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.

(...)

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém.” (p. 64)

**3 – O realismo da escrita de Carolina.**

“Fui na sapataria retirar os papéis. Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade” (p. 100).

### Critérios de correção:

1. Coesão
2. Coerência
3. Adequação do texto à proposta de redação escolhida
4. Pertinência dos argumentos
5. Correção gramatical
6. Diálogo com o livro de Carolina Maria de Jesus
7. Mínimo de linhas – 25
8. Identificação correta – NOME, DATA e TURMA.

Fonte: Vestibular UNICAMP 2020 e autoria própria, 2025.

